



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Jaume Mensa i Valls¹

O ponto de ruptura entre Tomás de Aquino e Vicente Ferrer, ou a possibilidade de conhecer o final dos tempos²

The Breakpoint between Thomas Aquinas and Vincent Ferrer,
or the Possibility of Knowing the End Times

Resumo:

Este artigo compara as teses de Tomás de Aquino e Vicente Ferrer sobre a possibilidade de conhecer o final dos tempos pela revelação bíblica. Durante tempos Vicente Ferrer seguiu as ideias do Doutor Comum, porém, entre os anos 1408 e 1412, desvinculou-se das mesmas. A análise dos sermões e uma carta de Vicente Ferrer escritos entre estes anos permitem constatar a sua evolução. Vicente Ferrer passa da negativa categórica (tomista) para afirmar a possibilidade, necessidade e conveniência de conhecer o final dos tempos. O ponto de ruptura entre ambos autores se produz em sua exegese dos Atos dos Apóstolos 1, 7.

Palavras-chave:

Apocalíptica; Tomás de Aquino; Vicente Ferrer; Anticristo; Fim do mundo.

Abstract:

This paper compares the theses of Thomas Aquinas and Vincent Ferrer concerning the possibility of knowing the end times as revealed in the Bible. For years Vincent Ferrer followed the ideas of the Common Doctor of the Church, but between 1408 and 1412 he changed his position. The analysis of two sermons and one letter written by Vincent Ferrer between the aforementioned years allows us to observe his evolution. Vincent Ferrer abandoned the categorical refusal of Thomism for an assertion of the possibility, necessity and desirability of knowing these end times. The breakpoint between both authors occurs in their exegesis of Acts 1, 7.

Keywords:

Apocalypticism; Thomas Aquinas; Vincent Ferrer; Antichrist; The end of the world.

¹ Universitat Autònoma de Barcelona (UAB).

² Tradução ao português do artigo publicado originalmente em catalão na revista *Anuario de Estudios Medievales*, 47/1, enero-junio de 2017, pp. 159-175. ISSN: 0066-5061. Versão original de livre acesso sob os termos de uma licença CC BY disponível em: <https://doi.org/10.3989/aem.2017.47.1.06>. Projeto de Pesquisa: “Corpus Digital d’Arnau de Vilanova: Filosofia a i ciència a la Corona d’Aragó (segles XIII-XIV)”, MEC, FFI2014-53050-C5-2-P.

1. Introdução

O dominicano Vicente Ferrer formou-se em Filosofia e Teologia com o estudo das obras do grande teólogo e pensador de sua ordem, Tomás de Aquino.³ Sabemos que escreveu comentários pessoais sobre a *Summa Theologiae* (Madalena, 1719). As *reportationes* dos sermões pregados por Vicente Ferrer sobre Tomás de Aquino mostram a consideração e a admiração que sentia por ele.⁴ Em geral, os diversos aspectos do pensamento vicentino seguem fielmente as linhas doutrinárias do Doutor Comum ou são atualizações e adaptações às novas problemáticas da época.⁵ Filosoficamente, a sua teoria dos universais (ontologia) ou da *suppositio* (lógica) representa uma reformulação de êxito das teses tomistas diante das dificuldades propostas pelo nominalismo (Ferrer, 1977: 2010).⁶ Também podemos examinar a influência do pensamento de Tomás de Aquino nos diversos elementos da filosofia política da obra vicentina (Beuchot, 1995: 113).⁷ Especialistas da obra de Vicente Ferrer destacaram que a citada *Summa Theologiae* é o verdadeiro eixo dos diversos temas da sua teologia: trinitária, cristológica, eclesiológica, espiritual, moral.⁸

Demonstrado isso, Vicente Ferrer, pelo menos durante os últimos anos de sua vida, distancia-se dos pensamentos de Tomás de Aquino em um aspecto central para todos os dois autores, ou seja, o das previsões escatológicas. Se o Doutor Comum reagiu contra aqueles mestres seculares (Guilherme de Saint-Amour e seus

³ Sobre a bibliografia de Vicente Ferrer, ver Forcada, Garganta, 1956; Alemany, 1995; Robles, 1998.

⁴ Cf. os sermões *Hic magnus vocabitur in regno caelorum* e *Venit in me Spiritus Sapientiae*. Dentro do indispensável artigo de Perarnau (1999: 619, núm. 395; 1999: 790, núm. 871), o leitor interessado encontrará informação sobre os manuscritos e as edições. A divisão temática (indicada por J. Perarnau) do primeiro sermão é a seguinte: “*beatus Thomas vocabitur magnus [...] propter tres rationes: por vida virtuosa; por ciencia iluminosa; por muerte preciosa*”.

⁵ O Capítulo geral de 1346 estabeleceu a obrigação estrita dos frades pregadores de seguir a doutrina de Tomás de Aquino. Sobre este aspecto e a presença do tomismo em Valência, ver Gallego (1974).

⁶ Além das respectivas introduções às edições citadas destas obras, ver Beuchot (1995); García (1994).

⁷ “Utilizará principios de la escuela aristotélico-tomista para dilucidar cuestiones tan concretas y arduas como el cisma de Aviñón, el conciliarismo, la guerra de los cien años, la tolerancia religiosa con moros y judíos, etc.”.

⁸ Ver, por exemplo, Esponera (2007: 230); Fuster (2004: 280). Este último autor afirma, sobre Vicente Ferrer, que “La columna vertebral de su pensamiento es la Suma teológica de Tomás de Aquino” e que é “Un teólogo identifi cado con Tomás de Aquino”. Ver Garganta (1908: 158): “Vicente Ferrer tenía un esquema teológico bien asimilado, de corte y contenido tomista; dominaba la *Summa* de santo Tomás, incluso en su parte moral y hace uso de ella normalmente”. Neste último estudo, o leitor pode encontrar uma apresentação geral da pregação vicentina: tradição hagiográfica, estado da questão, etapas, fontes, sentido e caráter da pregação, técnica. O autor insiste no fato de que “San Vicente, repetimos, es predicador escatológico, más que apocalíptico” (Garganta, 1908: 151).

seguidores) que pensavam que alguns feitos da época (por exemplo, o comportamento dos frades mendicantes) (Dufeil, 1972; Geltner, 2012: 159-182; Lambertini, 2002) auguravam a imediata vinda do Anticristo e o final dos tempos, Vicente Ferrer se apresentava como o *praedicator finis mundi*, o anjo do Apocalipse e o *Legatus a latere Christi* que anunciava a proximidade dos últimos dias (Fages, 1903: 327). Alguns autores também assinalam coincidências entre Tomás de Aquino e Vicente Ferrer neste tema. Assim, por exemplo, o reconhecido estudioso Sebastián Fuster chega à seguinte conclusão: “Tengo para mí que san Vicente Ferrer discurre por una vía claramente tomista.” (Fuster, 2004: 107).⁹ Obviamente, na medida em que a temática do Anticristo já aparece nos livros que formam o Novo Testamento, os pensadores cristãos compartilham algumas posições no mínimo comuns. Demonstrado isso, mais além destas posições comuns, que certamente também são observáveis entre os dois autores que são objeto de nosso estudo, as diferenças entre eles (no tema que agora estudamos) acabam sendo radicais, razão pela qual, assim como tentaremos demonstrar nestas páginas, a afirmação de S. Fuster e dos estudiosos que pensam como ele, considerada globalmente e absoluta, não faz justiça à realidade. Nestas páginas propomos analisar o que acreditamos que é o ponto doutrinal de ruptura entre ambos os pensadores, ou seja, a divergente interpretação da frase dos Atos dos Apóstolos 1, 7, que o evangelista Lucas coloca na boca de Jesus Cristo como resposta à pergunta dos Apóstolos sobre o tempo escatológico e a restituição do Reino de Israel: *Non est vestrum nosse tempora vel momenta, quae Pater posuit in sua potestate*.

2. Tomás de Aquino e a negativa absoluta em conhecer os últimos tempos

No contexto da polêmica entre os mestres seculares e os frades mendicantes, Tomás de Aquino se questiona diversas vezes se é possível conhecer os tempos da vinda do Anticristo. Efetivamente, já no *Liber contra impugnantes Dei cultum et religionem*, de 1256, dedica a questão 24 e, em parte e mais indiretamente, a 25, a este tema (Thomas de Aquino, 1970a: 159-162, 162-165). Entre este ano e 1271, Tomás de Aquino fez diversas reflexões, mais ou menos pontuais, nas seguintes obras: *Scriptum super Sententiis*, IV, d. 43 (Thomas de Aquino, 1858: 1.064b); *Quaestiones disputatae de veritate*, q. 8, a. 12 e q. 12, a. 8 (Thomas de Aquino, 1970b: 257-260, 393-394.); e *Quaestiones disputatae de potentia*, q. 5, a. 6 (Thomas de Aquino, 1949: 145-147).¹⁰

⁹ Sobre o livro de S. Fuster, ver a extensão e muito sugestivo exame feito por Perarnau (2007: 816-820).

¹⁰ Em geral sobre a escatologia de Tomás de Aquino e em particular sobre a possibilidade de conhecer os tempos do Anticristo, ver Moya (2000); Velde (2002); Elizande (2004); Fiorentino (2007); Bianchi (1998); Dabrowski (2011); Lamb (2007).

É possível, então, conhecer o tempo do Anticristo de acordo com Tomás de Aquino?¹¹ Parece-me que podemos sintetizar a sua posição da seguinte forma: a humanidade pode ter notícia do futuro pelo conhecimento natural ou pela revelação. Aquilo que é relativo ao fim do mundo e a vinda do Anticristo (na realidade são acontecimentos que se produzirão com pouco tempo de diferença entre um e outro) não podem ser conhecidos pelo conhecimento natural, porque a única causa do movimento do céu e do seu fim é a vontade divina (Thomas de Aquino, 1858: vol. IV, d. 43, q. 1, a. 3, qc. 2, co, p. 1.064b).¹² Descartado, então, um conhecimento natural do fim do mundo e da vinda do Anticristo, Tomás de Aquino se questiona se este conhecimento é possível pela revelação. Por revelação tampouco é possível *ut omnes semper sint solliciti et praeparati ad Christo occurrendum* e por esta razão Jesus Cristo respondeu aos Apóstolos (Atos dos Apóstolos, 1, 7) (Thomas de Aquino, 1858: IV, d. 43, q. 1, a. 3, qc. 2, co, p. 1.064b):¹³ *non est vestrum nosse tempora vel momenta, quae Pater posuit in sua potestate*. E se não desejou revelar os últimos tempos aos Apóstolos, ainda menos os revelará ao resto da humanidade. E mais, assim como diz em Mateus, 24, 36: *de die illa et hora nemo scit, neque angeli caelorum*, e tampouco os anjos tem conhecimento daqueles tempos (a expressão *dia e hora* significa tempo, em geral). E, considerando que qualquer revelação de Deus às pessoas se faz através dos anjos, afirma Tomás de Aquino, se estes não sabem nada, é impossível que as pessoas possam ter notícia pela revelação (Thomas de Aquino, 1858: IV, d. 43, q. 1, a. 3, qc. 2, s. c. 1, p. 1.063a).¹⁴ Para as pessoas, em consequência, *tempus determinatum finis mundi omnino nescitur* (Thomas de Aquino, 1949: q. 5, p. 146). A resposta de Jesus à pergunta dos Apóstolos, em Atos dos

¹¹ Dediquei boa parte de um estudo para reconstruir a posição de Tomás de Aquino sobre a possibilidade de conhecer o tempo do Anticristo (Mensa, 2014). A seguir, sintetizo as teses principais.

¹² “Determinatus numerus futuri temporis sciri non potest nisi vel per revelationem vel per naturalem rationem [...] Ex motu autem caeli non potest cognosci finis eius; quia cum sit circularis, ex hoc ipso habet quod secundum naturam suam possit in perpetuum durare” (Cf. Thomas de Aquino, 1949: 146).

¹³ “Similiter nec per revelationem haberi potest, ideo, ut omnes semper sint solliciti et praeparati ad Christo occurrendum; et propter hoc etiam Apostolis de hoc quaerentibus respondit Fets dels Apòstols 1, 7: «non est vestrum nosse tempora vel momenta, quae Pater posuit in sua potestate» (...) Quod enim Apostolis quaerentibus noluit indicare, nec aliis revelabit. Unde illi omnes qui tempus praedictum numerare voluerunt, hactenus falsiloqui sunt inventi”; ou Thomas de Aquino (1949: q. 5, a. 6, s.c. 2, p. 146): “Praeterea, si aliquid deberet aliquibus hominibus revelari, praecipue revelatum fuisset quaerentibus Apostolis, qui doctores totius mundi instituebantur. Eis autem de finis mundi adventu Domini quaerentibus responsum est”, Atos dos Apóstolos 1, 7: “«Non est vestrum nosse tempora vel momenta, quae Pater posuit in sua potestate». Ergo multo minus est aliis revelatum”.

¹⁴ “Illud quod est ignoratum ab angelis, est etiam hominibus multo magis occultum; quia ea ad quae homines naturali ratione pertingere possunt, multo limpidius et certius angeli naturali cognitione cognoscunt; similiter etiam revelationes hominibus non fiunt nisi mediantibus angelis, ut patet per Dionysium, 4 cap. Cael. Hier. Sed angeli nesciunt tempus determinate, ut patet Matth. XXIV, 36: «de die illa et hora nemo scit, neque angeli caelorum». Ergo tempus illud est hominibus occultum”. Cf. também o artigo 12, “utrum angeli cognoscant futura”, de la q. 8; i Particle 8, “utrum omnis revelatio prophetica fiat a angelo mediante”, da q. 12, das Quaestiones disputatae de veritate, Thomas de Aquino, 1970b.

Apóstolos 1, 7, é, para Tomás de Aquino, bem clara: a impossibilidade em conhecer os últimos tempos é absoluta tanto para os Apóstolos como, com mais motivo, para o resto da humanidade.

Tomás de Aquino está convencido que a sua interpretação dos Atos dos Apóstolos 1, 7, – e, em geral suas teses sobre o conhecimento dos últimos tempos – é a mesma que Agostinho de Hipona sustentou em sua época (Thomas de Aquino, 1970a: c. 24, pp. 159-160, l. 39-62).¹⁵ Alguns dos sinais que os adversários de Tomás de Aquino acreditavam que antecipavam e permitiam prever a iminente vinda do Anticristo, já haviam sido produzidos inclusive antes do tempo de Agostinho de Hipona e, mesmo assim, a vinda do Anticristo e o final do mundo não ocorreu (Thomas de Aquino, 1970a: 160-162, l. 98-305).

Tomás de Aquino desenvolveu, como dissemos ao começar esta parte, a interpretação dos Atos dos Apóstolos 1, 7, e em geral as suas teses contra a possibilidade de conhecer os últimos tempos no contexto da polémica entre o clero secular e as ordens mendicantes. A sua posição, porém, não tem nada de circunstancial ou acidental. Assim como mostram os estudos de T. Gregory (1962; 1965), o que podemos denominar como *atemporalidade* da escatologia cristã própria de Tomás de Aquino (uma concretização da qual é o tema que estamos estudando) é uma consequência lógica de ter assumido boa parte das propostas da filosofia aristotélica e de ter estruturado a teologia de acordo com o modelo da *ciência* aristotélica. Deixando em um local secundário, ou inclusive abandonando, o plano histórico constituído pela teologia tradicional, ou seja, o da teologia entendida como *lectio historiae* – e de compreensão, então, de um *ordo temporum* – e, com o fim de assumir a estrutura silogística e não temporal da ciência, a teologia de Tomás de Aquino adotava um *modus argumentativus* alheio à tensão escatológica inerente à *lectio historiae* (Gregory, 1962: 89-90).¹⁶

¹⁵ “Dominus enim Act. I,7, quaerentibus discipulis de hoc ipso, respondit «Non est vestrum nosse tempora vel momenta quae pater posuit in sua potestate»; ex quo argumentatur Augustinus in Epistola ad Hesychium, quod si non est eorum nosse, multo minus aliorum. Et Mateu XXIV, 36: «De die autem illa et hora nemo scit, neque angeli caelorum», et hoc idem habetur Marc XIII, 32: «Non moveamini a vestro sensu quasi instet dies domini. Et Augustinus Ad Hesychium loquens Dixisti: Evangelium dicit: De die et hora nemo scit; ego autem, inquit, pro possibilitate intellectus mei dico, neque mensem neque annum adventus ipsius sciri posse: ita enim hoc videtur sonare tamquam non possit sciri quo anno venturus sit, sed posset sciri qua hebdomade annorum, vel qua decade»; et infra «Quod si ne hoc quidem comprehendi potest, quaero utrum sic saltem possit diffi niri tempus adventus eius ut eum venturum esse dicamus infra istos, verbi gratia vel quinquaginta vel centum annos vel quotlibet seu maioris numeri seu minoris annorum»; et infra «Si autem nec hoc te comprehendis praesumis, hoc sentis quod ego»”

¹⁶ Afirma também Gregory (1962: 267): “il passaggio dalla teologia come lectio historiae alla teologia come scienza, dalla series narrationis alla scientia consequentiarum, comporta l’abbandono proprio della dimensione temporale ed ascologica della teologia: la rivelazione viene sussunta negli schemi intemporalis della teoria aristotelica della scienza”.

3. Vicente Ferrer e a possibilidade de conhecer os últimos tempos

Vicente Ferrer interpreta ou reinterpreta o texto dos Atos dos Apóstolos 1, 7-8 três vezes sucessivas. A primeira destas três vezes a encontramos no sermão que tem como tema *Reminiscamini quia ego dixi vobis* (João, 16, 4) e foi pregado na quarta-feira, dia 5 de setembro de 1408 em Montpelier;¹⁷ a segunda, forma parte do sermão do mesmo tema pregado em Toledo no dia 8 de julho de 1411;¹⁸ e a terceira, da *Epistola fratris Vincentii de tempore Antichristi et fine mundi* direcionada a Bento XIII e datada em Alcanis no dia 27 de julho de 1412.¹⁹ Considerando que a base desta carta é o citado sermão pregado em Toledo, os três textos que analisaremos, na realidade, são variações do mesmo tema e seguem uma estrutura comum, o que nos permitirá comparar mais facilmente a evolução do pensamento vicentino sobre a possibilidade de conhecer o final dos tempos entre estas datas.

Entre a data do primeiro texto analisado (5 de dezembro de 1408) e a data do último (27 de julho de 1412) somente passaram três anos e meio, mas é um tempo muito significativo. Efetivamente, os estudiosos (R. Rusconi, C. Delcorno) costumam distinguir dois períodos na pregação itinerante do frade Vicente: a primeira começa no ano 1399, quando como consequência de uma doença e de uma visão abandona Avinhão e inicia uma etapa radicalmente nova na sua vida, de pregação pelos dos países da Europa. Este primeiro período acaba aproximadamente entre os anos 1408-1409. É um período marcado especialmente pela penitência e pela catequese moral. O segundo período, que vai do ano 1408-1409 ao ano 1419, ano da morte do mestre Vicente, é muito mais escatológico. Entre ambos períodos há uma mudança muito clara.²⁰ Os três fragmentos que

¹⁷ A *reportatio* deste sermão (IV. Sermon donné le mercredi 5 décembre 1408 à Montpellier) se conserva no códice de Lausana, BCU, G 756, e está editado por Morenzoni (2004: 259-267).

¹⁸ Este sermão (26. Sermón IIIº del Antechristo) foi editado por Cátedra (1994: 561-473), da *reportatio* conservada em Madrid, Real Academia de la Historia, ms. 294, ff. 154r-160r. Este sermão já havia estado publicado anteriormente por Carbonero (1873). Deste mesmo sermão há duas *reportationes*, muito mais breves, conservadas no códice de Valência, Col·legi del Corpus Christi, f. 70r-v, e na *Relación a Fernando de Antequera*, editada também pela Cátedra (1994: 663-672), concretamente pp. 670-672, linhas 236-305, do códice de Oviedo, Biblioteca Universitaria, ms. 444, ff. 125r-127r. Para a breve *reportatio* do manuscrito do Col·legi del Patriarca (*Corpus Christi*), f. 4r, sabemos que Vicente Ferrer pregou também um sermão sobre o mesmo tema no dia 18 de fevereiro de 1411, seguramente em Múrcia. Cf. Perarnau (1999: 747, núms. 738-739).

¹⁹ Sobre esta epístola há diversas transcrições. Utilizaremos a de Fages (1905: 213-224). Atualmente, Paul-Bernard Hodel prepara a edição crítica. Ver, também, o estudo de Hodel (2005).

²⁰ Cf. Rusconi (1979: 220-223). Na página 223, lemos: “Nel secondo decennio della sua predicazione itinerante, che va dal 1409 al 1419, vi è indubbiamente una svolta nell’atteggiamento di Vicent Ferrer nei confronti dell’Anticristo e delle attese escatologiche in generale”; Delcorno (2006: 7-38), concretamente pp. 10-12. Este último estudo também foi publicado em Delcorno (2009: 263-289). Delcorno (2006: 11), avança um ano a data da mudança, ou seja, a mesma se produz “tra il novembre e il dicembre del 1408”.

analisaremos a seguir foram escritos, então, em momentos de mudança, de transição de um período para o outro.

3.1. O sermão de Montpelier do dia 5 de dezembro de 1408

Carlo Delcorno destacou a importância deste sermão, precisamente porque é o testemunho de uma mudança na pregação de Vicente Ferrer. Esta mudança consiste no uso central e insistente do motivo das três lanças (Delcorno, 2006: 11). Já fazia cem anos, diz Vicente Ferrer, que, de acordo com uma revelação feita a São Francisco e São Domingos, o mundo acabaria e que Cristo enviaria as “três lanças”, ou seja, a perseguição do Anticristo, a deflagração do mundo e o juízo final, porém, para conceder uma última oportunidade aos pecadores, a pedido da Virgem Maria, adiou em um tempo a execução. E este tempo acrescentado, acredita Ferrer, acabou-se.

O sumário inicial deste sermão já anuncia três conclusões. A primeira é que *adventus Antichristi non potest sciri determinative quantum ad annum, mensem vel septimanam, diem et horam* (Morenzoni, 2004: 259, linhas 4-7).²¹ A segunda, que o Anticristo já deveria ter vindo cento e oitenta anos atrás. E a terceira, que virá imediatamente (Morenzoni, 2004: 259, linhas 6-7, 7-9).²² A primeira conclusão é argumentada da seguinte maneira: conhecer o tempo do Anticristo significa conhecer o fim do mundo, porque ambos feitos se produzirão com pouco tempo de diferença. Efetivamente, o Anticristo reinará três anos e meio (Daniel 12, 7; Apocalipse 12, 14) e uma vez seja vencido e notificado a sua morte o mundo durará 40 dias e se acabará. Já João Batista pregava a vinda do Anticristo, mas, quando os Apóstolos perguntaram a Jesus (Mateus 24, 3) pelo tempo de sua vinda, ele lhes respondeu: *De die autem illa et hora nemo scit, neque angeli caelorum, nisi solus Pater* (Mateus 24, 36). Literalmente, então, as palavras de Jesus negam este conhecimento aos profetas, aos Apóstolos, aos mártires e aos santos do céu. E, então, *non mirum si nos nescimus cum ipsi nesciant* (Morenzoni, 2004: 260, linha 39).²³ Quando os Apóstolos e a Virgem

²¹ Esta primeira conclusão é desenvolvida nas páginas 259-262, linhas 10-123.

²² São argumentadas nas páginas 262-264, linhas 124-226, e nas páginas 264-267, linhas 227-310.

²³ O fragmento completo, na página 260, linhas 36-47, diz: “Verba ista [Mateu XXIV, 36] habentur ad litteram ubi supra, quia neque prophete, neque apostoli, neque martires, nec aliquis sanctus paradisi, ut probantur Actuum primo capitulo, istum adventum scit, nisi solus Pater. Et ideo non mirum si nos nescimus cum ipsi nesciant. Item sancti apostoli et omnis alii sancti cum Virgine Maria quando viderunt quod ipse volebat ascendere in celum, iterum ipsum interrogaverunt, dicentes: «Domine, quando erit fi nis mundi, quando restitues regnum Israel?» Hoc est, si modo. Et ipse respondit eis: «non est vestrum nosse tempora vel momenta que Pater posuit in sua potestate», Actuum primo capitulo. Hoc est dicere: non spectat ad vos scire talia, scilicet per numeram; maiorem autem gratiam faciam vobis, quia mittam Spiritum Sanctum qui confi

Maria, antes da ascensão lhe tornaram a perguntar por este tempo (Atos dos Apóstolos, 1, 6), Jesus Cristo lhes respondeu: *Non est vestrum nosse tempora vel momenta, quae Pater posuit in sua potestate* (Atos dos Apóstolos, 1, 7), o que significa *non spectat ad vos scire talia, scilicet per numerum; maiorem autem gratiam faciam vobis, quia mittam Spiritum Sanctum qui confirmabit vos ut possitis resistere* (Morenzoni, 2004: 260, linhas 44-47). Esta interpretação de Vicente Ferrer é a mesma que a de Tomás de Aquino. Há, porém, no mesmo sermão, uma nova referência ao fragmento dos Atos dos Apóstolos, 1, 7. Quando o mestre Vicente argumenta a terceira conclusão apresenta diversos testemunhos que confirmam que o Anticristo já havia nascido. Entre estes testemunhos há o seguinte (Morenzoni, 2004: 266, linhas 286-295):²⁴ um ermitão lhe explicou que dois outros ermitões, muito devotos e dignos de fé, tiveram uma revelação segundo a qual o Anticristo já havia nascido. Mestre Vicente lhe respondeu que tal revelação era impossível, porque Jesus havia pronunciado as palavras *Non est vestrum nosse tempora vel momenta, qual Pater posuit in sua potestate* (Atos dos Apóstolos, 1, 7). O ermitão, que explicava o fato a Vicente Ferrer, e que havia feito um esforço muito grande para poder falar com ele, disse-lhe que esta negativa era válida para o tempo dos Apóstolos, mas, que agora, em troca, convinha conhecer aquele tempo. O texto, efetivamente, não nos diz se Vicente Ferrer estava de acordo ou não com a interpretação do ermitão, porém, na medida em que inclui a revelação por ele explicada entre os testemunhos que certificariam a terceira conclusão, pensamos que se deixou convencer pelas palavras do ermitão. Se Vicente Ferrer se tivesse mantido absolutamente firme em sua atitude inicial, segundo a qual *non poterat esse*, não teria feito caso daquela revelação nem a teria incluído em seu sermão (Morenzoni, 2004: 266, linha 290).

3.2. O sermão de Toledo do dia 8 de julho de 1411

Na narração da explicação que lhe fez o ermitão sobre a revelação do nascimento do Anticristo feita a dois outros ermitões, elimina as referências (a sua objeção e a resposta do ermitão) as palavras de Jesus sobre os Atos dos Apóstolos, 1, 7:

rmabit vos ut possitis resistere. Et ita patet quomodo est probata ista conclusio prima quod nemo scit determinate adventum antichristi”.

²⁴ “Item dico vobis quod in loco de Monserat quidam heremita dixit michi quod heremite, credo quod duo, morabantur in tali monte, et hoc in Lombardia de quo non recordor, videlicet de nomine montis. Et illuc fuit eis revelatum quod antichristus era natus. Et ipsi heremite erant fi de digni et multum devoti. Et ego replicavi ei dicendo quod non poterat esse, et allegavi testimonium Bible: «non est vobis noxe», et cet. Et heremita respondit quod illud habebat verum tempore apostolorum, sed nunc erat expediens quod sciretur. Et ipse heremita per multa loca me investigaverat ut illa posset michi manifestare, attento quod audiverat dici quod ego predicabam adventum antichristi”.

Mensa i Valls, Jaume

O ponto de ruptura entre Tomás de Aquino e Vicente Ferrer,
ou a possibilidade de conhecer o final dos tempos

www.revistarodadafortuna.com

La tercera, buena gente, es que ocho años son passados que yo predicava por Lombardía en una villa que llaman Channas. E en aquella villa non avemos monesterio, sinon los frayres de sant Françisco, e yo posava con ellos. E estando ay, vino a mí un hermitaño que non vestía otra cosa sinon cáñamo. E, segúnd a mí parescía, era omne de buena vida. E díxome: –Padre, yo vengo a vos, que me dixieron que predicávades la fin del mundo e del avènement del Antichristo–. E yo dixi que ssí. E él díxome: –¿Sabedes cuándo es?– E yo dixi que non. E díxome: –Pues yo vengo a vos a dezírvoslo por mandado de dos hombres santos que les fue revelado, que están en esta tierra–. E estos dos religiosos que lo han visto, que es nascido el Antichristo. E díxole: –Amigo, yo lo predicaré que me lo dixistes vós, mas non lo porné por conclusión–. E dígovoslo rrezando, mas yo lo creo en mi coraçón (Cátedra, 1994: 571-572, linhas 373-385).²⁵

Em troca, Vicente Ferrer faz notar a distância preventiva com respeito à revelação reportada pelo ermitão dizendo-lhe que a incluirá nos seus sermões não como uma conclusão própria, mas sim como um feito que lhe explicaram.

Na argumentação da primeira conclusão, assume como própria a interpretação dos Atos dos Apóstolos 1, 7, que no sermão de Montpelier fizera o ermitão: a negativa de Jesus ia dirigida aos apóstolos e a todos aqueles que não viveriam no tempo do Anticristo. Como consequência, não lhes correspondia conhecer aquele tempo, porém, em troca, sim que correspondia às pessoas que participarão na batalha contra o Anticristo, ou seja, aos contemporâneos do mestre Vicente:

Pues, Señor, ¿a quién pertenesçe? Non pertenescía de lo saber ellos, pues que non devían ser en la batalla. ¿E qué pertenesçe al rrey de Castilla nin a sus cavalleros saber la batalla que se faze en Ungría, pues que non tienen que estar en ella? Mas los que tienen que estar en ella es razón que lo sepan. Assý, a los apóstoles e discípulos de Ihesú Christo non les calía saber la batalla del Antichristo nin de la fin del mundo, pues non devían ser en ella, mas cale saber a nosotros, mesquinos, que avemos de ser en la batalla, por que non vamos desamparados (Cátedra, 1994: 564, linhas 100-107).²⁶

²⁵ Apesar de alguma pequena variação de circunstâncias, não pode haver nenhuma dúvida que o feito histórico explicado é o mesmo.

²⁶ Na *Relación a Fernando de Antequera* (Cátedra, 1994: 671, linhas 253-256) a exegese dos Atos dos Apóstolos, 1, 7, é resumida assim: “al tiempo de la abçensión los deçipulos preguntáron-le: «Si in tempora hic restias, etc.». Esto porque se non avían de açertar ellos en la batalla e la conquista de Antichristo, pues non avía de ser en su tiempo, por lo qual non era suyo nin avían mester de lo saber”.

Diante da observação que alguém poderia fazer a esta interpretação, consistente em perguntar-se se *soy yo* [ou seja, frade Vicente] *alumbrado más que los apóstoles nin santos*, Vicente Ferrer afirma que isso é assim por *necessidade* e disposição de Deus.²⁷

E, de forma a tornar compatível esta interpretação dos Atos dos Apóstolos 1, 7 com outro versículo bíblico (Marcos 13, 32: *De die autem illo vel hora nemo scit, neque angeli caelorum, neque Filius, nisi Pater*) que lhe serve para argumentar a primeira conclusão do sermão, mestre Vicente matiza: *Él* [o Filho] *bien lo sabe, mas non para dezirlo* [a los apóstoles], da mesma forma que, quando uma pessoa pergunta a uma outra pessoa por uma coisa, e esta sabe mas não quer dizer a ela, diz que não sabe (Cátedra, 1994: 563, linhas 71-74, 79-80).²⁸

3.3. A *Epístola de tempore Antichristi et fine mundi* (Alcanís, 27 de julho de 1412)

Esta epístola segue praticamente o mesmo esquema dos dois sermões anteriores. Ao contrário, porém, de três conclusões há quatro: as três dos sermões anteriores, que agora passam a ser, respectivamente, a segunda, a terceira e a quarta, e uma aparentemente nova, a primeira, ou seja, *quod tempus Antichristi et fi nis mundi in eodem coincidunt temporaliter* (Fages, 1905: 213), mas que em realidade não é, porque nos dois sermões formava parte uma primeira conclusão (no sermão de Montpelier) (Morenzoni, 2004: 259, linhas 10-24), ou de uma introdução geral (no sermão de Toledo) (Cátedra, 1994: 561-562, linhas 11-37).

A interpretação dos Atos dos Apóstolos 1, 7 e a conclusão obtida é a mesma que no sermão de Toledo: Vicente Ferrer eliminou a referência ao texto bíblico na explicação da revelação explicada pelo ermitão (Fages, 1905: 222:)²⁹ e também fez a sua exegese do ermitão:

²⁷ O fragmento completo (Cátedra, 1994: 564), linhas 108-112, diz: “Mas dirá alguno: «-¿Qué? ¿Soy yo alunbrado más que los apóstoles nin santos, pues que ellos non lo sabían?» Yo digo que non ay más ignorante a comparación de los santos e apóstoles que yo, mas esto es por nesçesidat: «Non est vestrum, etc.». Dize: «Esto non pertenesçe a vosotros», decía Ihesú Christo, mas a nosotros, mesquinos”.

²⁸ “Aquí hay secreto. ¿Por qué dize que el Fijo de Dios non lo sabe? Ca Él bien lo sabe, mas non para dezirlo. Ca assí dize omne quando le pregunta otro alguna cosa; dize: «-Non lo ssé», aunque lo sepa, mas dize que non lo sabe para lo dezir a él (...) E por esto se entiende esta actoridad; que non lo sabe para lo dezir a los apóstoles”.

²⁹ “Eadem conclusio ostenditur per aliam revelationem mihi relatam per quemdam virum devotum (ut mihi videtur) et sanctum. Nam cum ego predicarem in partibus Lombardie prima vice (modo jam sunt novem anni completi), venit ad me de Tuscia ille vir, missus (ut dicebat) a quibusdam sanctissimis eremitis in partibus Tuscie, in maxima vite austeritate per magna tempora degentibus, annuncians quod eisdem viris expresse revelationes divinitus facte fuerant, quod Antichristus jam erat natus, et quod istud debebat mundo denunciari, ut fi deles ad tam terribile prelium se pararent, et quod propterea dicti sancti Eremita ipsum ad me

Secundus textus habetur Actuum primo capite, ubi discipulis iterum querentibus de eodem, et dicentibus: Domine, si in tempore hoc restitues regnum Israel, respondit ipse Christus: Non est vestrum nosse tempora, vel momenta, etc., ubi ponderatum est hoc, quod dicitur Apostolis, non est vestrum, etc., ac si diceretur militibus, et doctoribus (alias comitibus) Hispanie: Non est vestrum scire tempus, el diem belli futuri in Tartaria, vel in Armenia, cum non habeatis ibi interesse; et tantum scire tempus illius belli in Tartaria, seu in Armenia, est Tartarorum, seu Armenorum etiam rusticorum, quia habent illic interesse, et se premunire. Sic non erat necessitas Apostolorum, nec Doctorum, aut sanctorum antiquorum, scire tempus Antichristi, seu finis mundi, quamvis essent illuminatissimi revelationibus divine sapientie; tamen expediens, et necessarium erat, ut homines post nativitatem Antichristi scirent illud tempus, ad se premuniendum, et preparandum, quamvis peccatores ignorantes respectu Apostolorum, et aliorum Doctorum antiquorum Sanctorum (Fages, 1905: 215).

Como novidade (com respeito ao sermão de Toledo), imediatamente, Vicente Ferrer faz notar que Deus, desde o começo do mundo, sempre enviou mensageiros para advertir aos homens sobre os perigos de uma tribulação iminente (Fages, 1905: 215).³⁰

Conclusão

De acordo com Tomás de Aquino não é possível conhecer pela revelação (nem pela razão natural) o tempo do Anticristo e do fim do mundo: a resposta de Jesus Cristo aos apóstolos (em Atos dos Apóstolos 1, 7) representa uma negativa absoluta, sem exceção, a este conhecimento. Seguramente Vicente Ferrer, bem formado na filosofia e na teologia de Tomás de Aquino, durante boa parte da sua vida, pensou exatamente como o Doutor Comum. Temos uma prova no fato de que no sermão pregado em Montpelier no dia 05 de dezembro de 1408 a primeira tese seja, precisamente, que *adventus Antichristi non potest sciri determinative quantum ad annum, mensem vel septimanam, diem et horam* (Morenzoni, 2004: 259, linhas 4-7). O acordo entre ambos autores é total. A partir deste momento, porém, o pensamento

mittebant, ut hoc mundo denunciarem; sic ergo patet ex hujusmodi revelationibus, si vere sunt, quod jam Antichristus est natus, et habet completos novem annos sue maledicte etatis, et per consequens predicta conclusio vera”.

³⁰ Pelo contrário, agora eliminou o esclarecimento que havia feito em Toledo sobre o conhecimento que tinha Jesus Cristo sobre os tempos finais no sentido que possuía, mas não para comunica-lo aos Apóstolos.

de Vicente Ferrer sobre este tema evoluciona. Constatamos isso comparando dois de seus sermões e a *Epistola de tempore Antichristi et fine mundi* que tem o mesmo tema, seguem a mesma estrutura e que foram pregados ou escritos com ainda não quatro anos de diferença. Estes escritos vicentinos mostram claramente os passos desta evolução: no sermão pregado no dia 05 de dezembro de 1408 a tese de Vicente Ferrer, como acabamos de ver, coincide com a de Tomás de Aquino, porém, já no final do mesmo sermão, acrescenta o testemunho de um ermitão segundo o qual as palavras de Jesus eram plenamente válidas para os Apóstolos e para todas as pessoas que não deveriam viver as tribulações dos últimos tempos, mas que, em troca, não afetavam aquelas pessoas que deveriam participar na batalha contra o Anticristo. Se bem que mestre Vicente, em um primeiro momento, manifestou a sua estranheza diante desta interpretação do ermitão, e principalmente reagiu contra, pouco depois, no sermão pregado em Toledo no dia 08 de julho de 1411 e na *Epistola de tempore Antichristi et fine mundi*, de 27 de julho de 1412, assumirá como própria. Agora a formulação geral, ou seja, a tese que afirma que *illud tempus fuit hominibus omnibus absconditum generaliter* (com o verbo no passado), já tem uma limitação bem clara: *ante nativitatem Antichristi* (Fages, 1905: 215); e, nascido então o Anticristo, é conveniente e necessário que todos o saibam. E este é o momento no qual mestre Vicente prega ou escreve os textos analisados neste artigo (*Antichristus jam eram natus*) (Fages, 1905: 222). Esta nova interpretação vicentina de Atos dos Apóstolos 1, 7, me parece, está em perfeita consonância com a sua pregação dos últimos anos (pelo menos até 1417) e também lhe serve como fundamento bíblico e teológico. Pergunto-me, porém, se Vicente Ferrer não se separou tanto da exegese de Tomás de Aquino (assumida como própria até o ano 1408) de Atos dos Apóstolos I, 7 e da conclusão geral a que chegou, que as palavras de Tomás de Aquino pronunciou contra Guilherme de Saint-Amour e os seus seguidores, não se poderiam aplicar agora ao santo valenciano.

A periodização dos anos de pregação de Vicente Ferrer em duas etapas que alguns estudiosos (Rusconi, Delcorno) propuseram encontram uma confirmação a mais nestas nossas páginas. Além disso, acreditamos, permitem precisar e constatar os passos desta mudança. Seguramente, C. Delcorno tem toda a razão do mundo quando afirma que *un deciso mutamento si osserva già nella predicazione tenuta a Montpellier tra il novembre e il dicembre del 1408*, como demonstra o fato que já há *pienamente trattato il motivo delle "tre Lance"* (Delcorno, 2006: 11). É uma mudança, porém, em todo caso, que Vicente Ferrer desenvolveu progressivamente nos meses seguintes ou inclusive anos (três e meio). No mesmo sermão de Montpelier, e apesar da novidade de alguns elementos, com relação à interpretação dos Atos dos Apóstolos 1, 7, Vicente Ferrer ainda se mantém fiel à exegese tomista. A ruptura propriamente dita entre a exegese tomista dos Atos dos Apóstolos 1, 7 e Vicente Ferrer encontramos-a perfeitamente documentada nos fragmentos analisados dos anos 1411 e 1412. Talvez, o passo do primeiro período de pregação, de sinal mais penitencial e moralizante que escatológico, ao segundo período, mais escatológico (ou, mais

propriamente, apocalíptico) que moralizante e penitencial não se realiza de uma vez, de um dia para o outro, mas sim que é um processo que implica um certo tempo.

Mais além de um influxo tomista, seguramente outras correntes espirituais, com um destacado componente profético e apocalíptico,³¹ operam no pensamento do mestre Vicente nos últimos anos de sua vida, ou pelo menos até o começo do Concílio de Constança ou a eleição de Martinho V (1417).³² E se, como vimos, as teses (anti) apocalípticas de Tomás de Aquino se inseriam (até o ano 1408) no mesmo tronco do seu pensamento, podemos nos perguntar agora até que ponto esta mudança de Vicente Ferrer na interpretação dos Atos dos Apóstolos 1, 7 não afeta outros aspectos do seu pensamento. Somente um estudo exaustivo e evolutivo dos sermões pregados nos últimos anos permitirá responder com rigor a esta pergunta.

Referências

Fontes

Vicente Ferrer (1977). *Tractatus de suppositionibus*. Edició crítica, amb introducció de John A. Trentman. Stuttgart, Bad Cannstatt: Frommann, Holzboog.

Vicente Ferrer (2010). *Quaestio de unitate universalis*. (מאמר נכבר בכולל) (Ma'amar nikhbad ba-kolel). Text llatí i versió hebrea medieval amb traduccions catalana i anglesa. Edició a cura d'Alexander Fidora i Mauro Zonta, en col·laboració amb Josep Batalla i Robert D. Hughes. Santa Coloma de Queralt: Obrador Edèndum.

Thomas de Aquino (1858). *Commentum in quartum librum Sententiarum magistri Petri Lombardi*. In *Opera omnia*, vol. VII-2, Parma, Typis Petri Fiaccadori.

³¹ Às vezes alguns estudiosos (p. ex., Garganta, 1908: 151; Fuster, 2004) insistem na ideia que a pregação de Vicente Ferrer não é propriamente apocalíptica, mas sim escatológica. Não acredito que o qualificativo “escatológico” seja mais apropriado que “apocalíptico” para descrever os três fragmentos estudados em nossas páginas: sem nenhuma dúvida são sermões apocalípticos.

³² A eleição de Martinho V implicou, de fato, em um declínio geral em relação às expectativas apocalípticas (Cf. McGinn, 1994: 200). Fuster (2004: 224), fez notar que, a partir do ano 1417, Vicente Ferrer “vuelve ahora a la serenidad de su primera época”. Cf. Gorce (1923: 66). Os anos 1415-1416 são realmente decisivos para o mestre Vicente Ferrer. Efetivamente, no ano 1415 ocorre a ruptura definitiva entre Ferrer e Bento XIII (Cf. McGinn, 1998: 254; Perarnau, 1998: 649). Vicente Ferrer reconhece no Concílio de Constança um verdadeiro concílio, no sentido mais próprio da palavra e com toda a carga teológica do termo.

Thomas de Aquino (1949). *Quaestiones disputatae* (pp. 145-147). Vol. II, De potentia, ed. Pauli M. Pession. Torí – Roma: Marietti.

Thomas de Aquino (1970a). *Contra impugnantes Dei cultum et religionem*. In Thomas de Aquino, Opera omnia iussu Leonis XIII P.M. edita, vol. XLI/A. Roma: Ad Sanctae Sabinae.

Thomas de Aquino (1970b). *Quaestiones disputatae de veritate* (pp. 257-260; 393-394). II-I (QQ 8-12). In Idem, Opera omnia iussu Leonis XIII P.M. edita, Roma: Ad Sanctae Sabinae, vol. XXII.

Bibliografia

Alemany, R. (1995). Prosistes i intel·lectuals del segle XIV: sant Vicent Ferrer In *Guia bibliogràfica de la literatura catalana medieval* (pp. 97-105). Alacant: Universitat d'Alacant.

Beuchot, M. (1995). *Pensamiento filosófico de san Vicente Ferrer*. València, Ajuntament de València.

Bianchi, L. (1998). “Cum linea subducta damnavit”: A proposito di Tommaso d'Aquino e Gioacchino da Fiore. *Florensia* 12, 151-156.

Carbonero y Sol, L. (1873). Sermones de san Vicente Ferrer sobre el Anticristo y el fin del mundo, *La Cruz* 1, 145-154.

Cátedra García, P. M. (1994). *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media. San Vicente Ferrer en Castilla (1411-1412). Estudio bibliográfico, literario y edición de los textos inéditos*. Salamanca: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo.

Dabrowski, W. (2011). L'Anticristo secondo il commento di san Tommaso d'Aquino al “Corpus Paulinum”. *Angelicum* 88, 611-680.

Delcorno, C. (2006). Da Vicent Ferrer a Bernardino da Siena. Il rinnovamento della predicazione alla fine del Medioevo, dins Hodel, Paul Bernard; Morenzoni, Franco (eds.), “Mirificus praedicator”. À l'occasion du sixième centenaire du passage de saint Vincent Ferrier en pays romand. Actes du colloque d'Estavayer-le-Lac, 7-9 octobre 2004 (pp. 7-38). Roma, Istituto Storico Domenicano (Dissertationes Historicae; 32).

Delcorno, C. (2009). *“Quasi quidam cantus”*. *Studi sulla predicazione medievale*. Florència: Leo S. Olschki.

Dufeil, M-M. (1972). *Guillaume de Saint-Amour et la polémique universitaire parisienne 1250-1259*. París: Éditions A. et J. Picard.

Elizande, G. J. (2004). Santo Tomás de Aquino y Joaquín de Fiore In Petit Sullá, J. M.; Romero Baró, J. M. (eds.). *Actas del congreso La Síntesis de Santo Tomás de Aquino* (Barcelona, 1214 de septiembre de 2002) (pp. 363-377). Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, vol. I.

Esponera Cerdán, A. (2007). *El ofi cio de predicar: los postulados teológicos de los sermones de san Vicente Ferrer*. Salamanca: Editorial San Esteban.

Fages, P.-H. D. (1903). *Historia de san Vicente Ferrer*. Trad. Antonio Polo de Bernabé, vol. I, València: A. García editor.

Fages, P.-H. D. (1905). *Notes et documents de l'histoire de Saint Vincent Ferrier*. Lovaina: Uystpruyst - París, Picart & fils.

Fiorentino, F. (2007). L'Anticristo in S. Tommaso: a proposito delle radici cristiane dell'Europa. *Sapienza. Rivista internazionale di filosofia e di teologia*, 60, 241-252.

Forcada, V.; Garganta, J. M. (1956). Biografía y escritos de san Vicente Ferrer (pp. XXVI-XXXI). Madrid: Editorial Católica (Biblioteca de Autores Cristianos; 153).

Fuster Perelló, S. (2004). *“Timete Deum”*. *El Anticristo y el fi nal de la historia según san Vicente Ferrer*. València: Ajuntament de València.

Gallego Salvadores, J. J. (1974). Santo Tomás y los dominicos en la tradición teológica de Valencia durante los siglos XIII, XIV y XV. *Escritos del Vedat* 4, 481-569.

García Cuadrado, J. Á. (1994). *Hacia una semántica realista: la fi losofía del lenguaje de San Vicente Ferrer*. Pamplona: EUNSA.

Garganta, J. M. de (1908). San Vicente Ferrer, predicador de penitencia y de reforma In *Agiografi a nell'Occidente cristiano. Secoli XIII-XV* (Roma, 1-2 marzo 1979) (pp. 128-165). Roma: Accademia Nazionale dei Lincei.

Geltner, G. (2012). *The Making of Medieval Antifraternalism. Polemic, Violence, Deviance, & Remembrance*. Oxford: University Press.

- Gorce, M.-M. (1923). *Saint Vincent Ferrer (1350-1419)*. Paris: Plon-Nourrit.
- Gregory, T. (1962). Escatologia e aristotelismo nella scolastica medievale In *L'attesa dell'età nuova nella spiritualità della fine del Medioevo* (16-19 ottobre 1960) (pp. 262-282). Todi: Accademia Tudertina (Convegni del Centro di Studi sulla Spiritualità Medievale; 3).
- Gregory, T. (1965). Sull'escatologia di Bonaventura e Tommaso d'Aquino. *Studi medievali* 6, 79-94.
- Hodel, P.-B. (2005). La lettre de saint Vincent Ferrer à Benoît XIII. *Escritos del Vedat* 25, 77-87.
- Lamb, M. L. (2007). Wisdom Eschatology in Augustine and Aquinas In Dauphinais, Michael A.; David, Barry A.; Levering, Matthew (eds.). *Aquinas the Augustinian* (pp. 258-275). Washington: The Catholic University of America Press.
- Lambertini, R. (2002). Ende oder Vollendung. Interpretazioni escatologiche del conflitto tra Secolari e Mendicanti alla metà del XIII secolo. *Miscellanea mediaevalia* 29, 250-261.
- Madalena, T. (1719). *Crisis thomistica et novissima litteris emendatio "Summa Theologiae" Angelici Doctoris S. Thomae Aquinatis addiicienda*. Saragossa: Apud heredes E. Roman.
- McGinn, B. (1994). *Antichrist. Two Thousand Years of the Human Fascination with Evil*. San Francisco: Harpers Collins. Há uma tradução castelhana: McGinn, B. (1997). *El Anticristo. Dos milenios de fascinación humana por el mal*. Trad. Ramón A. Díez Aragón, María Carmen Blanco Moreno. Barcelona: Paidós Ibérica.
- McGinn, B. (1998). *Visions of the End. Apocalyptic Traditions in the Middle Ages. With a New Preface and Expanded Bibliography* (pp. 253-258). Nova York: Columbia University Press.
- Mensa i Valls, J. (2014). Arnau de Vilanova adversario de Tomás de Aquino: la polémica sobre la conveniencia de conocer los tiempos finales. *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge* 81, 99-138.
- Morenzoni, F. (2004). La prédication de Vincent Ferrer à Montpellier en décembre 1408. *Archivum Fratrum Praedicatorum* 74, 225-271.
- Moya Cañas, P. (2000). Fin del mundo, según Tomás de Aquino. *Teología y vida* 41/1, 52-58.

Mensa i Valls, Jaume
 O ponto de ruptura entre Tomás de Aquino e Vicente Ferrer,
 ou a possibilidade de conhecer o final dos tempos
www.revistarodadafortuna.com

Perarnau i Espelt, J. (1998). El punt de ruptura entre Benet XIII i sant Vicent Ferrer. *Analecta sacra Tarraconensia* 71, 625-659.

Perarnau i Espelt, J. (1999). Aportació a un inventari de sermons de sant Vicent Ferrer: temes bíblics, títols i divisions esquemàtiques. *Arxiu de textos catalans antics* 18, 479-804.

Perarnau i Espelt, J. (2007). Recensió del llibre Fuster 2004. *Arxiu de textos catalans antics* 26, 816-820.

Robles, A. (1998). Bibliografia In Ferrer, Vicent. *Tractat de la vida espiritual. Sermons* (pp. 54-56). Barcelona: Proa.

Rusconi, R. (1979). *L'attesa della fine. Crisi della società, profezia et Apocalisse in Italia al tempo del grande scisma d'Occidente (1378-1417)* (pp. 219-233). Roma: Istituto Storico Italiano per il Medio Evo (Studi Storici; 115-118).

Velde, R. A. te (2002). Christian Eschatology and the End of Time according to Thomas Aquinas ("Summa contra gentiles" IV, c. 97) (pp. 595-604). In Aertsen, J. A.; Pickavé, M. (eds.). *Ende und Vollendung. Eschatologische Perspektiven im Mittelalter*. Berlín: Walter de Gruyter (Miscellanea mediaevalia; 29).

Autor convidado
Artigo traduzido da versão original em catalão